

CRÍTICA DA RELIGIÃO EM MARX: A RELIGIÃO COMO PROTESTO CONTRA A MISÉRIA REAL.

David Machado de Oliveira¹; Antônio Glaudenir Brasil Maia²

¹Discente do Mestrado Acadêmico em Filosofia, CENFLE, UVA; david.machado199@gmail.com

²Docente do Curso de Filosofia e do Mestrado Acadêmico em Filosofia, CENFLE, UVA; glaudenir@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo abordar a atuação da religião na modernidade dando ênfase na sua característica de protesto contra o status quo do sistema capitalista no texto dos Anais Franco-Alemães, publicado em fevereiro de 1844, intitulado “Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução”. Nesse texto, Marx trabalha a característica dialética da religião, pois ele assimila o caráter contraditório do fenômeno religioso, ou seja, as vezes a religião legitima a sociedade burguesa e outras vezes, protesta contra ela. O tema é de especial importância nos tempos atuais em que a religião tem crescido em seu protagonismo político.

Palavras-chave: Crítica da religião; Fenômeno religioso; Karl Marx.

INTRODUÇÃO

A religião sempre esteve presente desde o início de nossa história, e é bem comum que as comunidades sociais e até mesmo os pesquisadores, afirmem que a espiritualidade e religiosidade é inerente à natureza da humanidade. No entanto, afirmar isso é pôr determinismos na essência humana, como se o ser humano não fosse livre e capaz de construir sua própria história.

Essa característica de determinar a religião como característica “eterna” da humanidade é uma característica ideológica de naturalizar o que não é natural. No entanto, a religião é uma construção histórica da humanidade e ela foi presente dentro da história por conta de não conseguir resolver as contradições de sua sociedade na prática, projetando-as de forma ideológica, mas isso não significa que a humanidade seja biologicamente e determinadamente a ser religiosa, espiritualista e mística.

A única característica natural que a religião possui é que ela é naturalmente idealiza as relações religiosas dos homens para com suas atividades enquanto homens religiosos e as reduzem ao conceito de homem em si. Como é da característica de Feuerbach que, ao não entender a atividade material de homem, atribui à religião como merecedora de exteriorizar

naturalmente a essência do homem, sendo este homem idealizado e fora de suas relações sociais.

Marx percebe que a religião possui características que são determinadas pelas condições materiais que a fazem existir. Por isso, ao analisar o fenômeno religioso de sua época, a Alemanha do século XIX, começa a sua *Introdução à Crítica da Filosofia do direito de Hegel* (1844) afirmando que a crítica da religião no Reino da Prússia¹, “é o pressuposto de toda a crítica” (MARX, 2006, p. 151) e que essa crítica, na esfera da filosofia, teria se encerrado com Feuerbach, como as biografias sobre Marx costumam apontar, mas a tarefa da filosofia ainda não tinha se encerrado completamente. Ele afirma que a existência pecadora do homem foi comprometida, já que a oração para o altar e seu temor a entidades fantásticas foi refutada. “O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, encontrou apenas o reflexo de si mesmo” (MARX, 2006, p.151), aqui se faz presente a influência do pensamento feuerbachiano, sobretudo da obra *A essência do cristianismo* (1841). O ser humano projetou suas melhores qualidades na fantasia religiosa, forjando a ideia de deuses, sua relação com a humanidade e suas características mais principais, perdão, amor, conhecimento, sabedoria, perseverança e etc.

O fundamento principal da crítica irreligiosa da religião: “o homem faz a religião, a religião não faz o homem” (MARX, 2006, p. 151), aqui se mostra o caráter materialista da filosofia de Marx, o ser humano que faz a história, a religião, a cultura, as normas de sua sociedade, mesmo que diante das contradições do seu modo de organização social, as construções históricas acabam se tornando alienantes. Além da crítica da religião, há também a crítica da filosofia hegeliana, o ser humano não é usado pela religião, ou pela história, a história não utiliza o homem para chegar a seus fins, como se a história fosse algum ente ou uma pessoa em particular que tivesse vontade própria, assim também a religião não tem vontade própria, Deus não fez a humanidade, a humanidade que criou Deus, Deus não luta nenhum tipo de luta, quem faz isso, é o ser humano. No entanto, mesmo com o fim da crítica da religião na Alemanha, a tarefa da filosofia não chegou ao fim.

O espírito religioso se opõe fundamentalmente à autonomia do ser humano e para Marx “a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente” (MARX, 2006, p. 151), Marx enfatiza aqui o caráter alienante da religião e a necessidade da emancipação, é perceptível que enquanto a

¹ O Reino da Prússia (Königreich Preußen) foi um reino alemão que durou entre os anos de 1701 a 1918 e, a partir de 1871, o principal Estado-membro do Império Alemão que durou até 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial.

humanidade não se reconhecer enquanto agente construtor de seu mundo, político, econômico, social, cultural, científico e prático, a sua consciência não encontrará a verdadeira racionalidade. A religião é necessariamente um erro para Marx, ela produz essa situação ideológica de que o mundo necessariamente vai ter um determinado fim, assim como também produz um plano de salvação, no entanto, a religião não se limita a isso. A religião “é uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido” (MARX, 2006, p. 51). Como materialista histórico ele raciocina que a religião tem como sua principal fundamentação as condições materiais da existência dos homens e mulheres, essas condições materiais são apresentadas para a humanidade de forma invertida. O Estado, no seu caráter constitucional, apresenta que todos são iguais e possuem direitos, esses direitos não condizem com a realidade material dos indivíduos. E é essencialmente nessas condições materiais que a humanidade entrelaça tanto sua atividade do pensar como sua própria atividade material, sendo essa atividade material denominada como trabalho.

Dessa forma, diante dessa contradição entre a vida material e os direitos abstratos, a religião irá se apresentar como consolação diante da realidade brutal do Capital, e mais, ela é “a teoria geral deste mundo, seu point d’ honneur espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e justificação” (MARX, 2006, p. 51). Diferentemente do que se havia pensado, que a religião iria se enfraquecer com a ascensão do capitalismo e a vitória do iluminismo, a religião não foi abolida, e sim assegurada. Sua ocupação na sociedade burguesa será também como instituição, ela servirá nessas situações como o afago espiritual e moral. Em sua atuação como religião dominante dentro da maioria dos Estados burgueses, o cristianismo propaga que a pobreza de bens materiais e o seu sofrimento será recompensado em uma vida após a morte, mas o mesmo não se limita apenas a condição material do indivíduo, ele vai até a sua subjetividade, a sua condição espiritual e emocional.

Sendo assim, “a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião” (MARX, 2006, p. 51), a humanidade só se libertaria de sua condição de dependência espiritual, de suas ilusões e fantasias religiosas, só mudando a realidade que o põe nessa condição, transformando a estrutura que reproduz sua deploração física e moral. A sociedade burguesa, assim como também as outras sociedades passadas, necessita desse aroma espiritual da religião para manter as estruturas, materiais e ideológicas, de sua sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

Com o intuito de atingir os objetivos apresentados, optamos por uma pesquisa eminentemente bibliográfica, tendo em vista que a investigação do objeto pressupõe uma leitura estrutural dos textos de Marx, especialmente o texto Introdução à crítica da filosofia de Hegel, mas também os livros O Capital, A Ideologia Alemã, Manuscritos Econômico-Filosóficos e Sobre a Questão Judaica, nos quais o autor sistematizou as leis gerais do modo de produção capitalista e o funcionamento da religião. Além disso, nossa pesquisa incluiu também em seu desenvolvimento a leitura de comentadores que ampliar as possibilidades de entendimento do problema delimitado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de Marx não para por aí, ele não se limita a uma só compreensão do fenômeno religioso e, de forma original, ele atribui que “a miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real” (MARX, 2006, p.51). Nesse sentido sua visão da religião é dialética, pois ele assimila o caráter contraditório do fenômeno religioso, ou seja, as vezes a religião legitima a sociedade burguesa e outras vezes, protesta contra ela. Nem por isso a religião deixa de ser uma “forma sagrada” da autoalienação humana (cf. NETTO, 2020, p. 81).

“A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo” (MARX, 2006, p. 151). A condição do indivíduo para com a religião se torna dependente por causa desse ópio espiritual, essa condição não só justifica tais determinações sociais como também acalma os trabalhadores e os consola dessa miséria real que o cercam. Dentro do modo de produção burguês, é notável que, também por causa da divisão do trabalho, algo que contribui para a alienação e estranhamento do ser humano, o indivíduo perde a sua significação ou sentido de vida (quando já não se está inteiramente moldado pela ideologia cristã). E quando não busca pela espiritualização de sua vida, a religião vai atrás dele em todos os espaços que o proletariado, dentro da atualidade moderna, ocupa. Seja nos meios de transporte, nas praças públicas, nas vias públicas, dentro de instituições públicas ou privadas, e até dentro de sua própria casa, a religião busca o ser humano para dá ânimo ao um mundo sem coração.

A religião, segregada pela miséria, aliena a esperança de que a humanidade necessita, e conforta os oprimidos, no entanto, essa esperança é falsa, irreal, não condiz com a realidade, a própria origem dessa esperança, os condena. A religião também irá oprimir e servirá como instrumento de exploração, e impedirá o ser humano de alcançar sua felicidade. “A supressão

[Aufhebung] da religião como felicidade ilusória do povo é a exigência da sua felicidade real. A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões” (MARX, 2006, p.151 e 152).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores erroneamente apontaram que Marx julgou ter liquidado a religião, o que não acontecera em nenhum dos seus escritos, apesar de que o mesmo sempre afirmou que a existência da religião é substancial para o capitalismo. A sociedade moderna burguesa ainda está de pé e mais complexa do que na época de Marx, com novas tecnologias e novas formas de exploração, mas sua estrutura ainda é mesma. Além do mais, Marx já afirmava, em *Sobre a Questão Judaica* (1844) sua época, que não necessariamente que para se construir um estado moderno laico os povos suprimiam sua limitação religiosa para depois suprimir a sua limitação secular, pelo contrário é primeiramente no ato de suprimir suas barreiras seculares que eles suprimem sua limitação religiosa, ou não transformamos as questões mundanas em questões teológicas. Transformamos as questões teológicas em questões mundanas.

Nos tempos atuais, o avanço da religião está diretamente ligado aos avanços modernos do capitalismo, o mercado se internacionalizou e ocupou espaços, desde as áreas com condições matérias complexas a países do centro do capital com o atributo à expansão da lógica empresarial, esses fenômenos sócio históricos estão ligados ao retorno do fenômeno religioso na Europa ocidental.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela bolsa, ao Mestrado Acadêmico em Filosofia da UVA e ao suporte acadêmico do orientador Dr. Antônio Glaudenir Brasil Maia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020